

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O círculo (não) quebrado: psicopatologia e funcionamento reflexivo parentais e ajustamento psicológico infantil em desvantagem social e económica

Bárbara Moreira Xavier

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O círculo (não) quebrado: psicopatologia e funcionamento reflexivo parentais e ajustamento psicológico infantil em desvantagem social e económica

Bárbara Moreira Xavier

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso e Professora Doutora Magda Sofia Roberto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2020

Agradecimentos

À Professora Isabel Narciso por ser a voz da razão. Por me desafiar a ser melhor do que eu imaginava conseguir ser. Por todo o conhecimento que partilhou comigo. Pela sua admirável carreira que me inspira.

À Professora Magda Roberto por todo o seu apoio e ajuda sem fim. Pela simpatia, compreensão, carinho e paixão com que realiza o seu trabalho. Por me ter ensinado tanto, mesmo em tempos desafiantes.

Ao Pai e Mãe por estarem sempre presentes e ajudarem durante todo o processo. Pela sua confiança e orgulho em tudo o que faço e, principalmente, pela paciência.

Às companheiras de tese pelo apoio mútuo, ajuda e companheirismo nas várias batalhas. E, em conjunto, ganharmos a guerra.

Aos Amigos, por me ouvirem e pela paciência que tiveram durante estes longos meses. Por me terem animado, aconselhado e ajudado mesmo quando parecia que não existia uma luz ao fundo do túnel.

Ao COVID-19 por me testar de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Por me ter demonstrado que não há desafio nenhum que me faça desistir dos meus sonhos.

A mim mesma por ter conseguido a resiliência necessária para ultrapassar todos os desafios que o ano de 2019 e 2020 me reservaram. Por ter tido a força em mim para fazer mais e melhor todos os dias.

O que vemos muda o que sabemos. O que sabemos muda o que vemos. - Jean Piaget

Resumo

A literatura sobre parentalidade demonstra que variáveis como o estatuto socioeconómico, a psicopatologia e o funcionamento reflexivo parecem impactar o ajustamento psicológico dos filhos. Contudo, permanecem lacunas sobre a relação entre estas variáveis em amostras em desvantagem económica e social. Este estudo teve como objetivo analisar as relações entre a psicopatologia dos pais (depressão, hostilidade e ansiedade), o funcionamento reflexivo parental (pré-mentalização, certeza dos estados mentais dos filhos e curiosidade e interesse nos estados mentais dos filhos) e o ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas psicológicos dos filhos) em parentalidades de risco em contextos de desvantagem socioeconómica. A amostra foi constituída por 78 cuidadores sinalizados por parentalidade de risco e de contextos de desvantagem social e económica, a coabitarem com pelo menos um filho. Os resultados revelaram correlações positivas entre hostilidade e pré-mentalização, e entre esta e o ajustamento psicológico dos filhos. Especificamente, através da testagem de um modelo de mediação, verificou-se um efeito indireto positivo e significativo entre hostilidade e pré-mentalização no ajustamento psicológico, sugerindo o contributo destas variáveis para uma maior presença de problemas psicológicos dos filhos. Não se verificaram associações entre a psicopatologia e o ajustamento psicológico. O estudo ilustra a necessidade de se continuar a clarificar a relação entre as dimensões da psicopatologia e do funcionamento reflexivo parentais e o seu contributo para o ajustamento psicológico dos filhos, principalmente em contextos de desvantagem social e económica. Ao focar-se o papel destas variáveis parentais (psicopatologia e funcionamento reflexivo) no desenho de intervenções psicossociais no âmbito da parentalidade poderão construir-se programas bem-sucedidos e eficazes.

Palavras-chave: Desvantagem económica e social; Parentalidade; Psicopatologia parental; Funcionamento reflexivo parental; Ajustamento psicológico infantil

Abstract

Literature on parenting shows that variables such as socioeconomic status, psychopathology and reflective functioning seem to impact the psychological adjustment of children. However, literature gaps remain regarding the relationship between these variables within the context of socioeconomic disadvantage. This study analyzed the relationship between parent's psychopathology (depression, hostility and anxiety), parental reflective functioning (pre-mentalization, certainty about child's mental states and curiosity and interest about the child's mental states) and child psychological adjustment (children's psychological problems) in parenthood within contexts of socioeconomic disadvantage. The sample consisted of 78 caregivers referred by risk parenting, living in contexts of socioeconomic disadvantage, and cohabiting with at least one child. Results revealed positive correlations between hostility and pre-mentalization, and between pre-mentalization and the child psychological adjustment. Specifically, the testing of a mediation model, revealed a positive and significant indirect effect between hostility and pre-mentalization in the child's psychological adjustment, suggesting the contribution of these variables to a greater incidence of children's psychological problems. No associations between psychopathology and psychological adjustment were found. The study illustrates the need to clarify the relationship between the dimensions of parental psychopathology and parental reflective functioning and their contribution to children's psychological adjustment, particularly within the context of socioeconomic disadvantage. By targeting these parental variables (psychopathology and reflective functioning), parenting psychosocial programs may be designed to improve programs success and effectiveness.

Keywords: Economic and social disadvantage; Parenting; Parental psychopathology; Parental reflective functioning; Child psychological adjustment

Índice

Introdução	1
Psicopatologia Parental e Ajustamento Psicológico dos Filhos.....	3
Funcionamento Reflexivo Parental e Ajustamento Psicológico dos Filhos	6
O Presente Estudo	7
Método	9
Objetivos.....	9
Participantes	10
Procedimento de recolha de dados	11
Variáveis e Instrumentos	12
Análise de Dados.....	14
Resultados	16
Análise de correlações	16
Regressão linear múltipla: Análise de preditores.....	18
Análise de mediação paralela.....	20
Discussão	20
Implicações do estudo	24
Limitações.....	25
Contributo para investigações futuras	26
Conclusão	27
Referências Bibliográficas	29

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização descritiva e correlacional das variáveis.....	17
Quadro 2. Coeficientes não estandardizados para os modelos de regressão linear múltipla.....	19

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa Concetual das variáveis independente, mediadora e dependente.....	10
Figura 2. Coeficientes estandardizados entre o papel mediador da pré-mentalização dos pais na relação entre a hostilidade parental e o ajustamento psicológico dos filhos.....	20

Introdução

O subsistema parental é, em qualquer família, um elemento essencial, uma vez que os cuidadores parentais são os principais responsáveis pelo desenvolvimento saudável dos filhos. Quando o subsistema parental enfrenta situações adversas (e.g., pobreza, doença crónica, divórcio), as capacidades parentais podem ficar diminuídas e, por consequência, as necessidades das crianças podem ser comprometidas, afetando o seu ajustamento psicológico. A capacidade parental tem de ser considerada em termos do contexto em que a família se insere, tal como a sua estrutura e funcionamento, dada a sua influência na prestação de cuidados à criança (Department of Health, 2000).

O exercício da parentalidade e das dinâmicas relacionais entre pais e filhos variam em função do estatuto socioeconómico, o que pode ser explicado, por exemplo, por diferenças ao nível da educação dos pais, da capacidade económica e de recursos materiais e sociais (Bornstein, Hoff, Laursen, & Tardif, 2002b; Kirby, Wright, & Allgar, 2019). A literatura evidencia que um baixo nível socioeconómico se encontra associado a práticas parentais negativas bem como a indicadores de menor bem-estar parental, com repercussões nocivas para o ajustamento psicológico dos filhos (Bøe, Sivertsen, Heiervang, Goodman, Lundervold, & Hysing, 2014; Hosokawa & Katsura, 2018; Weijers, van Steensel, & Bögels, 2018). Por exemplo, o estilo autoritário parece ser predominante em pais de contextos de desvantagem económica, evidenciando maior controlo, punição e desaprovação parental, o que se repercute negativamente no ajustamento psicológico das crianças (Bornstein et al., 2002b; Friedson, 2016). Vários autores constataram a associação do estilo parental autoritário a indicadores de fraco ajustamento psicológico em crianças e jovens, nomeadamente, auto-percepção negativa, fraca autorregulação e comportamentos sociais inadaptativos (e.g., Pinderhughes, Dodge, Bates, & Pettit, 2000; Vučković, Ručević, & Ajduković, 2020). Os resultados de um estudo realizado por Vučković et al. (2020), evidenciaram que o estilo autoritário e a negligência parental, através da mediação dos défices das funções executivas das crianças (i.e., memória de trabalho, inibição, regulação e planeamento), têm um efeito nos problemas de comportamento externalizantes das crianças, demonstrando que a parentalidade negativa pode causar fragilidades no seu ajustamento psicológico. Adicionalmente, as dificuldades financeiras, através da mediação do afeto parental, podem ter um impacto negativo na saúde mental infantil. Além disso, dimensões parentais disfuncionais como a negligência, o controlo psicológico e severo, os estilos autoritários

e permissivos foram associados a maiores níveis de problemas de externalização nas crianças (Pinquart, 2017).

O modelo de stress familiar (MSF) (Conger, Conger, & Martin, 2010) evidencia que a pressão económica constitui um fator de stress e mal-estar nos pais, o que pode prejudicar o funcionamento adequado da família, havendo uma menor qualidade e estabilidade dos relacionamentos, o que contribui para problemas emocionais nos pais e nas crianças. Ou seja, a tensão financeira contribui para a parentalidade negativa nestes contextos, afetando o desempenho das funções parentais, o que pode ter um efeito nocivo no ajustamento psicológico infantil (Bornstein et al., 2002b; Conger et al., 2010; Department of Health, 2000; Weijers et al., 2018). Vários estudos evidenciam o impacto negativo do stress económico na capacidade dos pais para compreenderem, apoiarem, cuidarem, envolverem-se e serem afetuosos com os seus filhos, o que se pode traduzir em práticas parentais inadaptativas (e.g., Conger & Conger, 2002; Friedson, 2016; Kirby et al., 2019). Num estudo de Zhu e colaboradores (2019), constatou-se uma relação entre a ansiedade e stress infantil e o baixo nível socioeconómico familiar, mediada pela ansiedade parental, traduzindo-se num aumento de emoções negativas nas crianças. Note-se que McAuley e Layte (2012), além de enfatizarem a importância das relações interpessoais na felicidade das crianças, referem que os *stressores* familiares (e.g., pouco apoio da família alargada, pais com depressão, alto conflito entre pais e filhos) têm um impacto muito mais forte (56.4%) no mal-estar das crianças do que o nível socioeconómico.

Ainda no âmbito da parentalidade, vários autores (Benbassat & Priel, 2012; Berthelot, Lemieux, Garon-Bissonnette, Lacharité, & Muzic, 2019; Borelli, St John, Cho, & Suchman, 2016; Camoirano, 2017; Luyten, Nijssens, Fonagy, & Mayes, 2017a; Shai & Belsky, 2017; Slade, 2005; Zeegers, Colonnese, Stams, & Meins, 2017) evidenciam a associação do funcionamento reflexivo parental (i.e., capacidade cognitiva de compreender os sentimentos e pensamentos do próprio e dos filhos de maneira a prever e perceber os comportamentos) a outras variáveis relativas à parentalidade e ao bem-estar e ajustamento dos filhos. Contudo, tanto quanto sabemos, são escassos os estudos empíricos que exploram especificamente o funcionamento reflexivo parental em contextos de desvantagem económica e social.

A literatura científica mostra, também, o impacto de múltiplos fatores de stress característicos de contextos em desvantagem económica e social a um nível individual –

pai/mãe - nomeadamente, a sua associação a sintomas psicopatológicos como a depressão, a ansiedade e a hostilidade, o que, por sua vez, aumenta a probabilidade de comportamentos parentais inadaptativos (Reising et al., 2013; Shelleby, 2018; Sullivan et al., 2019) e contribui para problemas de externalização e de internalização com maior incidência nas raparigas (Reising et al., 2013; Sullivan et al., 2019) e trajetórias inadaptativas da criança (Weijers et al., 2018).

No estudo de Kirby et al. (2019), sobre os efeitos das dificuldades financeiras na saúde mental das crianças, foi possível observar que o baixo nível económico pode ter efeitos negativos na expressão de afeto materno e no desenvolvimento psicológico das crianças. O ambiente social, o estatuto socioeconómico e a psicopatologia dos pais podem afetar a psicopatologia e as dificuldades cognitivas e comportamentais das crianças (Zhang, Lee, White, & Qiu, 2020), sofrendo com mais sintomas internalizantes e externalizantes e tendo efeitos negativos nos comportamentos sociais da criança (Bøe et al., 2014).

Neste sentido, pretende-se, no presente estudo, compreender a relação entre psicopatologia parental, funcionamento reflexivo parental e ajustamento psicológico dos filhos.

Psicopatologia Parental e Ajustamento Psicológico dos Filhos

A psicopatologia parental pode ser entendida como uma manifestação de sintomas de doença mental nos pais (Bornstein, Zahn-Waxler, Duggal, & Gruber, 2002a), nomeadamente, depressão, ansiedade e hostilidade. Segundo Bornstein et al. (2002a), pais com psicopatologia podem ter pouca consciência das suas necessidades e poucos recursos internos para ter a sensibilidade ou conseguir responder às necessidades das crianças. A psicopatologia dos pais pode conduzir a uma parentalidade de risco, dado o seu impacto negativo em competências necessárias ao exercício da parentalidade positiva, tais como a regulação emocional ou a disciplina. Sublinhe-se, ainda, a forte influência dos pais na psicopatologia infantil, seja através dos genes, das estratégias parentais, modelagem, entre outras, verificando-se uma associação entre a psicopatologia dos pais e das crianças (Weijers et al., 2018). Alguns estudos mostram uma forte associação entre o transtorno de ansiedade nos pais e a ansiedade nos filhos (e.g., Beidel & Turner, 1997; Bornstein et al., 2002a).

O baixo nível socioeconómico parece estar associado com ansiedade, depressão, perturbações da personalidade e até os valores de QI nos pais, e, adicionalmente, pode influenciar a saúde mental e bem-estar das crianças (Beidel & Turner, 1997; Bøe et al., 2014; Bornstein et al., 2002a; Zhang et al., 2020). Uma revisão sistemática sobre a relação entre os indicadores de estatutos socioeconómicos e a saúde mental infantil (Reiss, 2013) evidenciou o papel mediador da psicopatologia parental na relação entre baixo nível socioeconómico e problemas de ajustamento psicológico em crianças e adolescentes. As crianças e adolescentes destes contextos, comparativamente a outras famílias com maior nível socioeconómico, tinham duas a três vezes mais probabilidade de desenvolverem problemas de saúde mental com consequências negativas no seu bem-estar. O impacto da desvantagem verificou-se ser mais forte nas crianças do que nos adolescentes, mas se as consequências da desvantagem forem persistentes ao longo do crescimento, o impacto tenderá a ser cada vez mais negativo na sua saúde mental. O baixo nível socioeconómico parecia estar mais associado a problemas externalizantes do que internalizantes nas crianças.

Zhu e colaboradores (2019), realizaram um estudo sobre ansiedade parental e os seus efeitos na ansiedade das crianças em contextos de desvantagem económica e social, verificando que a ansiedade parental é mais elevada em contextos de desvantagem devido aos recursos mais diminutos e maior carga de fatores de stress, havendo uma transmissão desse stress aos filhos através das interações entre os pais e as crianças. A sintomatologia depressiva dos pais pode também ter consequências negativas, particularmente em contextos de desvantagem económica e social, nomeadamente, na regulação emocional dos filhos, dificuldades na socialização e no ajustamento emocional (Brown & Ackerman, 2011). Numa meta-análise realizada por Goodman e colaboradores (2011), os autores constataram uma associação significativa entre a depressão materna e problemas de externalização e internalização (mais forte nas filhas), como, também, de psicopatologia nos filhos. Estes efeitos eram mais acentuados quanto mais novas eram as crianças. As crianças mais novas são mais vulneráveis aos efeitos da depressão materna, porque ainda não desenvolveram competências de regulação emocional e processamento de informação e maturidade cognitiva que lhes permita compreender os seus pensamentos e emoções. Além disso, são mais dependentes das mães, levando a um maior risco de desenvolvimento disfuncional infantil. Goodman e colegas (2011), verificaram também que quanto mais cedo as crianças fossem expostas à depressão materna, pior seria o seu

ajustamento psicológico porque teriam menos anos de desenvolvimento saudável. Os autores mencionam adicionalmente que estes efeitos foram mais expressivos em estudos com famílias pobres, havendo um aumento do risco da depressão materna; com famílias monoparentais, ocorreram associações fortes entre a depressão materna e os problemas de externalização dos filhos; e em minorias étnicas verificou-se uma relação entre a depressão materna e problemas de internalização e externalização dos filhos.

O estudo de Newland, Ciciolla e Crnic (2015), sobre o efeito da hostilidade parental na família analisou como a hostilidade parental tem um efeito negativo nos membros da família, afetando as relações diádicas entre pais e filhos, devido ao aumento do conflito familiar e diminuição da qualidade das relações. Verificou-se que as relações mais afetadas e suscetíveis aos efeitos da hostilidade parental eram as relações pai-filho. A relação paternal era mais afetada devido a uma menor confiança do pai relativamente à capacidade parental, uma menor capacidade de *coping* e mudança de humor perante dificuldades familiares. Por outro lado, a relação paternal com rapazes pode ser mais afetada devido a uma resposta mais negativa dos rapazes aos conflitos. Em contraste, em relação à hostilidade materna, não foi verificado um efeito negativo na qualidade da relação mãe-filhos. Na presença de hostilidade paternal, verificou-se uma diminuição da hostilidade maternal, observando-se, também níveis mais altos de depressão nas mães, na amostra do estudo. Vučković e colaboradores (2020) constataram um efeito da hostilidade paternal nos problemas de comportamento externalizantes e indiretos dos filhos, através da mediação dos défices nas suas funções executivas, verificando-se, desta forma, que a hostilidade parental tem um papel negativo nos comportamentos e funções executivas dos filhos, impactando o seu ajustamento psicológico ao longo do tempo.

No estudo de Weijers e colegas (2018), sobre a mediação do stress parental entre a psicopatologia parental e infantil, os autores sugerem que a psicopatologia parental tem uma associação direta com a psicopatologia dos filhos, diferindo, no entanto, entre pais e mães. Isto é, os problemas de internalização das mães tinham um efeito nos problemas de internalização e externalização dos filhos e, no caso dos pais, os problemas de internalização tinham efeito nos problemas de externalização dos filhos e os de externalização tinham efeito tanto nos problemas de internalização como de externalização. Já Zhang e colaboradores (2020), encontraram evidências que pais com psicopatologia reportavam problemas psicopatológicos nos filhos, sugerindo, assim, transmissão transgeracional da psicopatologia dos pais para as crianças. Bornstein et al.

(2002a), referem que as crianças têm menos estratégias de *coping* e de autorregulação e menos competências sociais que podem ser transferidas pelos pais ao longo do tempo. É possível, então, constatar que crianças com pais com sintomas psicopatológicos sofrem mais adversidades e barreiras, com consequências negativas para o seu desenvolvimento e bem-estar.

Funcionamento Reflexivo Parental e Ajustamento Psicológico dos Filhos

O funcionamento reflexivo refere-se à capacidade individual de compreender os seus próprios estados mentais e dos outros, e como influenciam o comportamento e as interações (Benbassat & Priel, 2012; Fonagy et al., 2016; Katznelson, 2014; Slade, 2005; Zeegers et al., 2017). O funcionamento reflexivo parental é positivo para a parentalidade, visto que, ao estarem conscientes dos estados mentais dos filhos, os pais percebem os seus sentimentos, objetivos, comportamentos, intenções e mudanças físicas, emocionais e psicológicas (Benbassat & Priel, 2012; Slade, 2005).

Segundo Borelli e colaboradores (2016), existem dois tipos de funcionamento reflexivo parental, o auto-focado e o focado na criança. O funcionamento reflexivo auto-focado é a capacidade que os pais têm de reconhecer os seus estados mentais e como o seu comportamento parental poderá afetar os filhos. O funcionamento reflexivo focado na criança é a capacidade que os pais têm para reconhecer os estados que afetam os filhos e como o seu comportamento pode afetar os pais. Segundo Luyten e colaboradores (2017a), as dimensões que conceptualizam o funcionamento reflexivo parental são a pré-mentalização, a certeza sobre os estados mentais dos filhos, e o interesse e curiosidade dos pais sobre os estados mentais dos filhos. A pré-mentalização pode ser definida como um estado de não mentalização (i.e., uma fraca capacidade de compreender os estados mentais dos filhos). Outra dimensão é a certeza dos estados mentais que demonstra uma incapacidade de perceber a opacidade dos estados mentais. Sem esta capacidade, podem surgir estados disfuncionais como a hipermentalização e hipomentalização que caracterizam uma visão extremista dos estados mentais do próprios e dos outros (Berthelot et al., 2019). Por fim, o interesse e curiosidade sobre os estados mentais demonstra um desejo e determinação dos pais em compreender os estados mentais dos filhos. A pré-mentalização é especialmente preocupante porque os pais podem não ter capacidade de reconhecer os seus filhos como tendo pensamentos e sentimentos

separados dos seus (Slade, 2005), podendo causar problemas de internalização e baixos níveis de auto-percepção nos filhos (Benbassat & Priel, 2012).

Os pais utilizam a mentalização para, através da observação de comportamentos e afetos, perceberem o estado mental da criança e as suas necessidades e responderem adequadamente (Slade, 2005). A mentalização parental é importante para a capacidade de cuidar e confortar os filhos, fulcral para a criação da vinculação cuidador-bebé (Camoirano, 2017; Katznelson, 2014; Zeegers et al., 2017) e pode manifestar-se de forma verbal e não verbal, explícita e implícita (Shai & Belsky, 2017). Camoirano (2017), constatou que níveis fracos de funcionamento reflexivo parental influenciam negativamente não apenas a forma como os pais cuidam dos filhos, mas também a ansiedade, os problemas de externalização, a auto-regulação emocional, a vinculação e o próprio funcionamento reflexivo dos filhos.

Num estudo de Schultheis, Mayes e Rutherford (2019), acerca da associação entre a regulação e desregulação emocional maternal e o funcionamento reflexivo maternal, os autores encontraram evidências que demonstram uma associação significativa entre a desregulação emocional maternal e o funcionamento reflexivo maternal (i.e., pré-mentalização e interesse e curiosidade nos estados mentais dos filhos). Foram sustentadas associações diretas e significativas entre a supressão expressiva e a dificuldade maternal na regulação emocional com a pré-mentalização, tal como, baixa consciência emocional associada com baixo interesse e curiosidade nos estados mentais dos filhos. Os autores afirmam que para uma parentalidade positiva, a regulação emocional é importante para o stress gerado pelo nascimento de um novo filho e que, dificuldades nessa regulação podem afetar as competências parentais e ter consequências no bem-estar dos filhos. Esta incapacidade pode causar dificuldades na capacidade de compreender as emoções dos filhos, havendo, conseqüentemente, um enfraquecimento do interesse e curiosidade para com os filhos, afetando, ao longo do tempo, o bem-estar emocional da criança.

O Presente Estudo

Apesar de a literatura científica sobre parentalidade demonstrar associações entre estatuto socioeconómico, qualidade da parentalidade, psicopatologia, funcionamento reflexivo e ajustamento psicológico dos filhos, constatámos, na revisão de literatura

efetuada, algumas lacunas, especialmente no que se refere a estudos empíricos realizados com amostras em desvantagem económica e social.

Assim, é fundamental aprofundar o conhecimento sobre os efeitos que tais variáveis têm entre si, na parentalidade e no ajustamento das crianças em contexto de desvantagem económica e social, o que contribuirá para enriquecer as práticas preventivas e terapêuticas. Neste sentido, a presente dissertação pretende reconhecer a relação existente entre psicopatologia parental (depressão, hostilidade e ansiedade), funcionamento reflexivo parental (pré-mentalização, certeza sobre estados mentais, curiosidade e interesse) e ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas) em contextos de desvantagem económica e social.

Tendo em consideração a revisão de literatura realizada, colocamos as seguintes hipóteses:

H1 - Existem associações positivas entre psicopatologia parental e funcionamento reflexivo parental (Bornstein et al., 2002a; Reising et al., 2013; Schultheis et al., 2019; Shelleby, 2018; Sullivan et al., 2019);

H2 – A psicopatologia parental está positivamente relacionada com o desajustamento psicológico dos filhos (Beidel & Turner, 1997; Bøe et al., 2014; Bornstein et al., 2002a; Brown & Ackerman, 2011; Goodman et al., 2011; Reising et al., 2013; Reiss, 2013; Sullivan et al., 2019; Vučković et al., 2020; Weijers et al., 2018; Zhang et al., 2020; Zhu et al., 2019);

H3 – O funcionamento reflexivo parental está positivamente associado ao desajustamento psicológico dos filhos (Benbassat & Priel, 2012; Berthelot et al., 2019; Borelli et al., 2016; Camoirano, 2017; Katznelson, 2014; Luyten et al., 2017a; Schultheis et al., 2019; Shai & Belsky, 2017; Slade, 2005; Zeegers et al., 2017);

H4 – A psicopatologia parental e o funcionamento reflexivo parental contribuem positivamente para o desajustamento psicológico dos filhos (Beidel & Turner, 1997; Benbassat & Priel, 2012; Berthelot et al., 2019; Borelli et al., 2016; Bornstein et al., 2002a; Katznelson, 2014; Luyten et al., 2017a; Reising et al., 2013; Schultheis et al., 2019; Slade, 2005; Shai & Belsky, 2017; Shelleby, 2018; Sullivan et al., 2019; Vučković et al., 2020; Weijers et al., 2018; Zeegers et al., 2017; Zhang et al., 2020; Zhu et al., 2019);

H5 – O funcionamento reflexivo parental medeia a relação entre psicopatologia parental e desajustamento psicológico dos filhos (Benbassat & Priel, 2012; Berthelot et al., 2019; Borelli et al., 2016; Bornstein et al., 2002a; Camoirano, 2017; Goodman et al., 2011; Katznelson, 2014; Luyten et al., 2017a; Reising et al., 2013; Schultheis et al., 2019; Shai & Belsky, 2017; Shelleby, 2018; Slade, 2005; Sullivan et al., 2019; Vučković et al., 2020; Weijers et al., 2018; Zeegers et al., 2017).

Método

O presente estudo, partindo da questão inicial “*Como se relacionam psicopatologia parental, funcionamento reflexivo parental e ajustamento psicológico dos filhos em contexto de desvantagem económica e social?*”, segue uma abordagem metodológica quantitativa de cariz correlacional e com um desenho transversal. O estudo tem subjacente o paradigma pós-positivista que tem como principal objetivo aceder a um conhecimento o mais plausível e objetivo possível, reconhecendo o conhecimento como sendo mais relativo que absoluto. A investigação foi conduzida por hipóteses pré-definidas com controlo de variáveis, maximizando-se a objetividade (Guba & Lincoln, 1994).

Objetivos

Com o presente estudo, visa-se, pois, analisar as relações (ver Figura 1) entre psicopatologia dos pais (depressão, hostilidade e ansiedade), funcionamento reflexivo parental (pré-mentalização, certeza dos estados mentais e curiosidade e interesse) e ajustamento psicológico dos filhos em parentalidades de risco em contextos de desvantagem socioeconómica. Especificamente, pretende-se: (1) analisar a relação entre as variáveis acima referidas; (2) analisar o contributo da psicopatologia dos pais e do funcionamento reflexivo parental no ajustamento psicológico dos filhos; e, (3) analisar o papel mediador do funcionamento reflexivo parental na relação entre a psicopatologia dos pais e o ajustamento psicológico dos filhos.

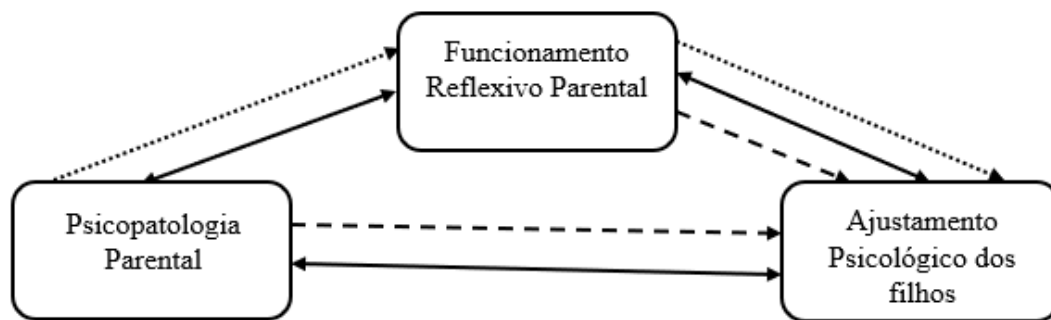


Figura 1. Mapa Conceitual das variáveis independente, mediadora e dependente do presente estudo: psicopatologia parental (e.g., hostilidade, ansiedade e depressão dos pais); o funcionamento reflexivo parental (pré-mentalização; a certeza dos estados mentais dos filhos; interesse e curiosidade nos estados mentais dos filhos); e o ajustamento psicológico dos filhos (expresso pelo seu desajustamento, revelando um maior total de problemas psicológicos dos filhos). O primeiro objetivo encontra-se representado pelas duplas setas; o segundo objetivo representado pelas setas tracejadas; o terceiro objetivo representado pelas setas de pontos redondos.

Participantes

O presente estudo tem uma amostra de 78 participantes de contexto de desvantagem socioeconómica. Relativamente aos critérios de inclusão, os participantes tinham de ter mais de 18 anos, nacionalidade portuguesa, pelo menos, um filho a viver consigo com idades entre os 0 e os 17 anos e sinalizados por parentalidade de risco.

Relativamente à amostra, os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos ($M = 39.37$, $DP = 10.5$), a maioria era do sexo feminino ($n = 67$; 85.9%), sem relação conjugal atual ($n = 41$; 52.6%). Os participantes tinham um agregado familiar, em média, com 5 elementos ($n = 23$; 29.5).

A amostra é constituída por uma maioria de participantes de etnia caucasiana ($n = 45$; 72.6%), seguidos pela etnia africana ($n = 10$; 16.1%), mista ($n = 6$; 9.7%) e cigana ($n = 1$; 1.6%). A prevalência da nacionalidade era portuguesa ($n = 76.8\%$), seguida da nacionalidade brasileira (8.9%), a cabo-verdiana (7.1%), e origem de leste, moçambicana, latina e angolana (respetivamente, $n = 1$; 1.8%). Os participantes referem ser, na sua grande maioria, crentes ($n = 66$; 86.8%), no entanto, 51.5% afirmam uma participação religiosa pouco frequente.

Relativamente à situação laboral, era prevalente o desemprego ($n = 52$; 66.7%), seguindo-se trabalhadores independentes ($n = 9$; 11.5%), biscates (10.3%), trabalhadores independentes (5.1%), reformados (3.8%) e em baixa médica (2.6%). Refira-se que 41.6% dos participantes tinham entre 7 a 9 anos de escolaridade, 19.5 % tinham entre 10 a 12 anos de escolaridade, e apenas 1.3% reportou frequência universitária (1.3%) ou ensino superior (1.6%). O rendimento mensal familiar dos participantes variava entre 0 e 1800€ ($M = 612.35$, $DP = 299.87$).

Os participantes tinham entre 1 a 6 filhos ($M = 2.81$, $DP = 1.41$), com idades compreendidas entre 1 e 17 anos ($M = 10.38$, $DP = 4.727$), sendo os filhos mais velhos (filho-alvo em que se baseiam as respostas ao questionário) de sexo, maioritariamente, masculino ($n = 56$; 71.8%).

Relativamente a acompanhamento psicológico, os participantes relataram nunca ter tido acompanhamento (41.3%) ou ter tido no passado (36%), havendo apenas 22.7% a receber atualmente acompanhamento. Quanto ao cônjuge do participante, a sua maioria nunca teve acompanhamento (77.1%). Acerca do acompanhamento psiquiátrico dos participantes, 70.3% referiram nunca ter sido acompanhado e que 88.6% dos cônjuges, igualmente, nunca foram acompanhados. Relativamente aos filhos-alvo, 20% têm apenas apoio psicológico, 26.5% têm apoio psicológico juntamente com outros tipos de apoio (i.e., escolar, terapia da fala), 15.9% têm apoios que não incluem o psicológico, 37.3% não recebem apoio nenhum. Quanto ao acompanhamento familiar, a maioria refere nunca ter tido (86.3%), 9.6% referem ter tido no passado e apenas 4.1% referem ter acompanhamento atualmente.

Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados utilizada no presente estudo foi realizada presencialmente entre junho de 2018 e fevereiro de 2020, tendo sido interrompida em março de 2020 devido à pandemia do COVID-19. Esta recolha foi realizada em colaboração com diferentes entidades como a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), e o Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental da Associação Nós-Barreiro (CAFAP – NÓS), fazendo parte de uma investigação em curso no âmbito do Laboratório Associativo *ProChild Against Poverty and Social Exclusion*.

A recolha de dados foi obtida através de entrevistas presenciais realizadas pela equipa de investigação do projeto. Os instrumentos foram aplicados oralmente para assegurar a participação de todos, independentemente dos seus níveis de literacia ou dificuldade de compreensão escrita. Foram também utilizadas réguas com imagens (i.e., emojis) para cada instrumento com o propósito de facilitar a compreensão e uso das escalas dos questionários pelo participante. O protocolo incluía o consentimento informado, o questionário sociodemográfico, uma parte quantitativa com questionários e uma parte qualitativa. No consentimento informado, constavam informações acerca do projeto de investigação, a importância da realização do estudo para a amostra selecionada, os objetivos gerais, os critérios de participação, esclarecimento acerca da voluntariedade, do anonimato do participante e confidencialidade dos dados recolhidos e contactos de email para esclarecimentos adicionais. Foi, ainda, solicitada a autorização para registo áudio da entrevista. Cada participante, caso autorizasse a aplicação do protocolo, deveria assinar o consentimento informado. Adicionalmente, um segundo protocolo preenchido pelos gestores dos processos das famílias participantes foi aplicado, onde constavam questionários acerca do acompanhamento prestado, assim como as expectativas e perceção dos técnicos sobre a evolução das famílias e da sua sinalização.

Variáveis e Instrumentos¹

Questionário sociodemográfico. O questionário foi utilizado para obter dados sociodemográficos do participante e incluía questões relativas aos pais, tais como sexo, idade, local de residência, escolaridade, situações conjugais atuais e passadas, situação profissional do participante e do cônjuge, composição do agregado familiar, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico individual e do cônjuge, acompanhamento familiar, religiosidade.

Psicopatologia parental. A psicopatologia parental foi avaliada através de três sub-escalas do *Brief Symptom Inventory* (BSI; Canavarro, 1995; Derogatis & Spencer, 1982), correspondendo a 17 itens respondidos através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, variando entre 1 (“Nunca”) e 5 (“Muitíssimas vezes”). Especificamente, neste estudo analisaram-se as dimensões hostilidade (e.g., “*Ter impulsos de bater, ofender ou ferir*

¹ Dado que a investigação no âmbito do Laboratório Associativo *ProChild Against Poverty and Social Exclusion* se encontra ainda em curso, os instrumentos não serão apresentados em Anexo.

alguém"); depressão (e.g., “*Não ter interesse por nada*”); e ansiedade (e.g., “*Nervosismo ou tensão interior*”) (Derogatis, 1975). A interpretação dos *scores* foi realizada através da comparação com normas adequadas à idade, presentes no instrumento de Derogatis (1975). Quanto maior fosse o valor do *score*, maior terá sido a intensidade de *distress* durante os 7 dias anteriores ao preenchimento do instrumento. O cálculo dos *scores* foi realizado através da soma dos valores dos itens de cada escala (Canavarro, Nazaré, & Pereira, 2017). Os índices de consistência interna das escalas foram bons, apresentando valores de *alpha* de *Cronbach* de .77 para a dimensão de hostilidade, .81 para a dimensão de depressão, e .83 para a dimensão de ansiedade (Canavarro, 1995).

Funcionamento reflexivo parental. Foi utilizado o Questionário de Funcionamento Reflexivo Parental (QFRP; Luyten, Mayes, Nijssens, & Fonagy, 2017b; Moreira & Fonseca, adaptação em curso). O questionário contém 18 itens respondidos através de uma escala de *Likert* de 7 pontos, variando entre 1 (“Discordo Fortemente”) e 7 (“Concordo Fortemente”). Esta escala inclui três dimensões: pré-mentalização, indicando fraca capacidade de conhecer estados mentais dos filhos (e.g., “*Por vezes, o meu filho fica doente para me impedir de fazer o que eu quero fazer*”); certeza sobre os estados mentais dos filhos (e.g., “*Consigo ler completamente a mente do meu filho*”); interesse e curiosidade pelos estados mentais dos filhos (e.g., “*Tento entender as razões do mau comportamento do meu filho*”) (Luyten et al., 2017b). A interpretação dos *scores* depende de cada dimensão. Relativamente à pré-mentalização, os itens negativos refletiam níveis de mentalização baixos com pontuações mais baixas e os itens positivos refletiam níveis de mentalização altos consoante as pontuações mais altas. Para as dimensões certeza e interesse e curiosidades pelos estados mentais dos filhos a interpretação dos *scores* era feita através de itens em que os níveis mais altos de mentalização se encontravam no ponto intermédio da escala, sendo que tanto pontuações altas como baixas ambas correspondiam a níveis baixos de mentalização, porque o que se pretendia obter era o reconhecimento da existência da opacidade em relação a estados mentais (Luyten et al., 2017b). O cálculo dos *scores* foi realizado através da média dos valores dos itens de cada escala. Os índices de consistência interna das escalas apresentaram valores de *alpha* de *Cronbach* adequados de .69 para a dimensão de pré-mentalização, de .74 para a dimensão de certeza dos estados mentais, e de .63 para a dimensão de interesse e curiosidade nos estados mentais.

Ajustamento psicológico dos filhos. O Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ; Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004; Goodman, 1997) foi utilizado para avaliar, segundo a perspectiva da mãe/pai, os problemas de comportamento dos filhos nos últimos seis meses. O questionário contém 25 itens respondidos através de uma escala com três opções de resposta: “Não é verdade”, “É um pouco verdade” e “É muito verdade. O questionário é composto por 5 dimensões que correspondem a hiperatividade (e.g., “*É irrequieto, muito mexido, nunca pára quieto*”); sintomas emocionais (e.g., “*Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos*”); problemas de conduta (e.g., “*Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras*”); problemas com os pares (e.g., “*Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho*”); pró-social (e.g., “*É sensível aos sentimentos dos outros*”) (Goodman, 1997). No presente estudo, foi apenas analisado o total de problemas dos filhos que se traduz na soma dos itens que correspondem às dimensões da hiperatividade, sintomas emocionais, problemas de conduta e problemas com os pares, reveladores de desajustamento psicológico dos filhos. O cálculo dos *scores* foi realizado através da soma dos valores obtidos. Quanto maior fosse o valor do *score*, mais seriam os problemas de comportamento dos filhos nos últimos seis meses, na perspectiva dos pais. A escala revelou um nível de consistência interna bom, apresentando valores de *alpha* de Cronbach de .73 para a dimensão de total de problemas dos filhos.

Análise de Dados

A análise estatística elaborada no presente estudo foi realizada através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY) com recurso à extensão da macro para SPSS PROCESS v2.16.1 (Hayes, 2013) para testagem do modelo de mediação. O processo de análise de dados teve quatro fases distintas referentes à 1) identificação de *missings* e caracterização do seu padrão para posterior imputação de valores omissos, 2) avaliação da consistência interna das variáveis em curso e respetiva caracterização descritiva e correlacional, 3) análise dos principais pressupostos de modelos lineares e 4) aplicação destes para aferir o papel explicativo das variáveis independentes e mediadoras na variável dependente.

Analisou-se a percentagem de *missings* por itens referentes às variáveis em análise. A incidência de *missings* foi baixa para os itens referentes à psicopatologia (5.1%)

e ao funcionamento reflexivo (3.8%), mas mais elevada para o ajustamento psicológico (entre 23.1% e 25.6%). Perante este levantamento de informação, procurou complementar-se a análise com a caracterização do padrão de *missings* através do teste de Little (1988), avaliando-se ainda o ajustamento dos dados à distribuição normal através dos gráficos Q-Q. Os resultados ilustraram que o padrão de *missings* é completamente aleatório (MCAR; $\chi^2(491) = 324.879, p > .999$) e que o ajustamento dos dados observados ao modelo de distribuição normal é adequado, com os valores tendencialmente concentrados em torno de 0. Com estes elementos, foi selecionada uma estratégia de imputação de *missings* que teve, na sua base, a média, trabalhando-se com os dados completos.

Em seguida, verificou-se a consistência interna das mesmas variáveis, avaliando-se a confiabilidade através do alfa de *Cronbach*. Valores adequados de consistência interna foram considerados tendo por base o *cut-off* de .60 (Nunnally & Bernstein, 1994). Após a constituição dos *scores*, foram calculados as médias e os desvios-padrão para cada variável, assim como as correlações entre si através do coeficiente de correlação de *Pearson*, exceto na variável idade dos filhos-alvo que, por ser expressa em escala ordinal, implicou a utilização do coeficiente de correlação de *Spearman*. Seguindo os critérios definidos por Cohen (1988), uma correlação será de intensidade fraca quando inferior a .30, moderada quando os valores estão entre .30 a .50 e forte para valores superiores a .50.

Partindo da análise correlacional, procurou manter-se um rácio equilibrado entre o número de participantes e de variáveis a serem incluídas nos modelos de regressão. Especificamente, manteve-se pelo menos 10 participantes para cada variável preditora como proposto por Peduzzi, Concato, Feinstein e Holford (1995). De referir que os principais pressupostos referentes aos modelos lineares foram testados. Especificamente, e além da análise feita à adequabilidade do ajustamento dos dados à distribuição normal, avaliou-se, através do teste de Durbin-Watson ($D-W = 1.583$), a correlação entre os resíduos, assim como os níveis de multicolinearidade (os valores de Tolerância oscilaram entre .35 e .89 e os valores de VIF entre 1.12 e 2.84). Em ambos os casos, os pressupostos foram cumpridos.

O modelo 4 da macro PROCESS foi utilizado para estimar um modelo de mediação paralela que permitiu, em primeiro lugar, identificar os preditores do funcionamento reflexivo parental e do ajustamento psicológico dos filhos.

Adicionalmente, ao estimar-se este modelo foi possível a testagem de efeitos indiretos, ilustrativos do modelo de mediação paralela, estimados tendo por base a técnica de *bootstrap* (10000 amostras). Através da análise dos intervalos de confiança a 95% estimado por *bootstrap*, aferiu-se a significância dos efeitos indiretos, expressa pela não inclusão do 0 entre os limites do intervalo.

Resultados

Análise de correlações

Através da análise das correlações das variáveis do estudo (ver Quadro 1) é possível verificar que as variáveis da escala psicopatologia parental (hostilidade, ansiedade e depressão) apresentaram entre si, associações positivas, significativas e de intensidade moderada a forte. Além disso, foi possível verificar uma correlação positiva e significativa, mas de intensidade baixa entre a variável curiosidade e interesse nos estados mentais dos filhos quer com a ansiedade, quer com a certeza sobre os estados mentais. Da mesma forma, observou-se uma correlação positiva, significativa, mas também de intensidade baixa, entre as variáveis hostilidade e pré-mentalização. Finalmente, a pré-mentalização revelou uma associação positiva, significativa e de intensidade moderada com o ajustamento psicológico dos filhos, expresso pelo seu total de problemas psicológicos. Não ocorreram associações significativas entre as variáveis da psicopatologia parental (hostilidade, depressão e ansiedade) e o ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas). No que concerne às variáveis sociodemográficas (sexo dos filhos-alvo; idade dos filhos-alvo; número total de filhos; e tipo de família), nenhuma apresentou associações significativas com as variáveis em estudo.

Quadro 1.

Caracterização descritiva e correlacional das variáveis em estudo (N = 78)

Variável	M(DP) [min-max]	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Hostilidade	8.15 (3.25) [5-20]	--									
2. Depressão	11.45 (5.25) [6-30]	.476**	--								
3. Ansiedade	11.29 (5.17) [6-30]	.655**	.693**	--							
4. Certeza sobre os estados mentais dos filhos	4.53 (1.24) [1.67 - 6.83]	.025	-.154	.062	--						
5. Curiosidade e interesse pelos estados mentais dos filhos	5.64 (1.00) [3-7]	.171	0,76	.227*	.261*	--					
6. Pré-mentalização	1.94 (1.04) [1-7]	.280*	.135	.095	-.088	.047	--				
7. Ajustamento Psicológico (Total de problemas psicológicos dos filhos)	11.48 (4.91) [2-25]	.186	.128	.150	-.093	.042	.380**	--			
8. Sexo dos filhos-alvo	[1-2]	-.183	.097	-.064	-.029	.010	.036	-.112	--		
9. N° total de filhos	2.81 (1.41) [1-6]	-.106	.139	-.028	-.001	.040	-.012	-.100	.172	--	
10. Idade dos filhos-alvo	[1-4]	-.132	.074	.006	-.171	-.054	.061	0,066	-	.515**	--
11. Tipo de família	[1-2]	-.012	.037	.006	-.188	.066	-.032	.026	-	-.066	-

Nota. *** $p < .001$. ** $p < .01$. * $p < .05$. Para a variável sexo dos filhos, os resultados apresentados são para o sexo masculino. Para a variável tipo de família os resultados apresentados são para a família monoparental. As variáveis sexo, idade dos filhos-alvo e tipo de família, por serem categóricas, não têm valores de média e de desvio-padrão, registrando-se apenas o número mínimo e máximo de categorias.

Regressão linear múltipla: Análise de preditores

Depois de realizada a análise das correlações, foi efetuada uma análise de regressão linear múltipla para compreender o contributo da variável independente (psicopatologia parental) e da variável mediadora (funcionamento reflexivo) para a variável dependente (ajustamento psicológico dos filhos, expresso pelo seu desajustamento, ou seja, pelo total de problemas psicológicos dos filhos). Realizaram-se três modelos diferentes de forma a calcular o contributo das diferentes variáveis independentes (depressão, ansiedade e hostilidade) em todas as variáveis mediadoras (pré-mentalização, certeza dos estados mentais, e interesse e curiosidade nos estados mentais). No primeiro modelo, foi usada a variável independente depressão; no segundo modelo, usou-se a ansiedade; e, no terceiro e último modelo, utilizou-se a hostilidade.

Os resultados ilustram que entre as variáveis referentes à psicopatologia, apenas a hostilidade foi preditora do funcionamento reflexivo, nomeadamente da pré-mentalização. Nenhuma das variáveis de psicopatologia foi preditora significativa do ajustamento psicológico dos filhos. Ao nível do funcionamento reflexivo, apenas a pré-mentalização se constituiu enquanto preditora significativa do ajustamento psicológico (consultar Quadro 2). Estas variáveis explicam entre 15% e 16% da variância do ajustamento psicológico dos filhos.

Quadro 2.

Coefficientes não estandardizados para os modelos de regressão linear múltipla (N = 78)

Preditores	Variáveis Dependentes				Ajustamento		
	Passo 1 (VI na VM)		Curiosidade e interesse nos estados mentais	Passo 2 (VI e VM na VD)	$F_{(4,73)}$	p	R^2
	Pré- mentalização	Certeza sobre os estados mentais		Ajustamento Psicológico (Total de Problemas)			
	<i>B(EP)</i>	<i>B(EP)</i>	<i>B(EP)</i>	<i>B(EP)</i>			
Bloco 1							
Hostilidade	.09 (.04)*	.01 (.04)	.05 (.03)	.13 (.17)	3.38	.01	.16
Pré-mentalização				1.65 (.53)***			
Certeza sobre os estados mentais				-.29 (.44)			
Curiosidade e interesse nos estados mentais				.15 (.55)			
Bloco 2							
Depressão	.03 (.02)	-.04 (.03)	.01 (.02)	.06 (.10)	3.32	.01	.15
Pré-mentalização				1.72 (.52)***			
Certeza sobre os estados mentais				-.24 (.45)			
Curiosidade e interesse nos estados mentais				.17 (.55)			
Bloco 3							
Ansiedade	.02 (.02)	.01 (.03)	.04 (.02)	.11 (.10)	3.54	.01	.16
Pré-mentalização				1.71 (.51)***			
Certeza sobre os estados mentais				-.29 (.44)			
Curiosidade e interesse nos estados mentais				.09 (.56)			

Nota: No primeiro passo cada bloco de preditores (VI) foi regredido nas variáveis mediadoras (VM; pré-mentalização; certeza sobre os estados mentais; curiosidade e interesse nos estados mentais). No segundo passo cada bloco de preditores (VI) e de variáveis mediadoras (VM) foi regredido na variável dependente, ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas dos filhos). A informação sobre o ajustamento dos modelos de regressão (R^2) remete para o segundo passo.

*** $p < .001$; ** $p < .01$; * $p < .05$

Análise de mediação paralela

A análise do papel do funcionamento reflexivo enquanto mediador da relação entre a psicopatologia e o ajustamento psicológico dos filhos revelou apenas o papel indireto que a pré-mentalização tem na relação entre a hostilidade e o ajustamento psicológico dos filhos (consultar Figura 2). Especificamente, a hostilidade associa-se positivamente com a pré-mentalização, que por sua vez se associa positivamente, também, com o ajustamento psicológico dos filhos, revelando o seu maior desajuste expresso pela maior incidência de problemas dos filhos ($\beta = .10$, $EP = .06$, 95% IC [.01, .25]). Os restantes efeitos indiretos não se revelaram significativos.

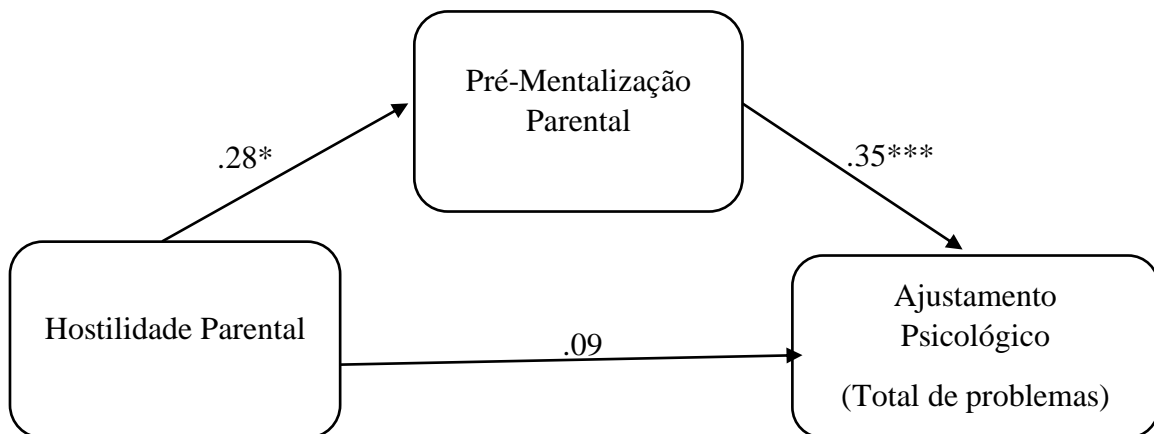


Figura 2. Coeficientes estandardizados para o papel mediador da pré-mentalização dos pais na relação entre a hostilidade parental e o ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas) ($N = 78$).

Nota. * $p < .05$. *** $p < .001$

Discussão

O objetivo deste estudo foi ampliar a compreensão da relação entre a psicopatologia parental, o funcionamento reflexivo parental e o ajustamento psicológico dos filhos, expresso pelo total de problemas psicológicos dos filhos em parentalidades de risco em contextos de desvantagem económica e social. Os principais resultados desta pesquisa fornecem evidências de que a hostilidade parental potencia a pré-mentalização parental que, por sua vez, tem implicações no total de problemas dos filhos.

A primeira hipótese foi parcialmente confirmada, tendo em conta que se verificou que a psicopatologia parental deteriora o funcionamento reflexivo parental e, por isso,

verifica-se uma associação positiva e significativa entre a psicopatologia parental (hostilidade) e o funcionamento reflexivo parental (pré-mentalização, i.e., estado de não mentalização). Os resultados refletem que quanto mais hostis forem os pais, mais tendem a ser dominados pela pré-mentalização. Os resultados obtidos por este estudo verificam-se, em parte com a literatura, no sentido em que os pais com psicopatologias não têm a mesma capacidade de reflexão e consciência para compreenderem as respostas das crianças, impactando a parentalidade, principalmente em contextos de desvantagem económica e social (Bornstein et al., 2002a; Reising et al., 2013; Schultheis et al., 2019; Shelleby, 2018; Sullivan et al., 2019) e isso foi possível observar com os dados obtidos. Contudo, apesar de não se terem verificado associações significativas entre todas as dimensões em estudo da psicopatologia parental (i.e., depressão) e do funcionamento reflexivo parental (i.e., curiosidade sobre os estados mentais dos filhos e interesse e curiosidade sobre os estados mentais dos filhos), é importante referenciar que foi encontrada uma associação positiva e significativa entre a curiosidade e interesse nos estados mentais dos filhos e a ansiedade parental. Era de esperar o impacto da ansiedade e da depressão em todos estados mentais parentais, algo que não foi encontrado neste estudo. Uma possível interpretação para estes resultados poderá ser as características da amostra (i.e., tamanho reduzido; não uniforme) que, em média, não demonstrou níveis altos de psicopatologia em nenhuma das variáveis estudadas (i.e., hostilidade, depressão ou ansiedade). Adicionalmente, alguns estudos utilizaram diferentes questionários para avaliar as dimensões funcionamento reflexivo parental e psicopatologia parental (e.g., Borelli et al., 2016; Reising, 2013, respetivamente), sendo preciso ter em conta que, apesar de pretenderem avaliar o mesmo constructo, os itens e escalas são distintas, podendo gerar resultados diferenciados.

Os resultados não confirmaram a segunda hipótese, na medida em que a psicopatologia parental não está positivamente relacionada de forma significativa com o desajustamento psicológico dos filhos. Apesar da extensa literatura acerca da associação positiva significativa entre psicopatologia parental e o desajustamento psicológico dos filhos (Beidel & Turner, 1997; Bornstein et al., 2002a; Goodman et al., 2011; Weijers et al., 2018; Zhang et al., 2020), principalmente em contextos de desvantagem económica e social (Reiss, 2013; Zhang et al., 2020; Zhu et al., 2019), nenhuma das variáveis estudadas (hostilidade, ansiedade, depressão) apresentou uma relação significativa. Estes resultados podem ser explicados pelo facto de a amostra ser constituída, maioritariamente, por mães.

Segundo os autores Vučković et al. (2020), a hostilidade paternal é mais significativa que a maternal no desajustamento psicológico dos filhos, logo, a perspectiva maternal pode não ser indicativa de relações significativas de psicopatologia parental e desajustamento psicológico dos filhos. De outra perspectiva, tendo a escolha dos participantes sido feita pelas instituições pelas quais são seguidos (i.e., SCML e CPCJ), a desejabilidade social poderá ter tido um papel na forma como os participantes avaliavam os problemas dos filhos com o receio de estarem a ser avaliados, exteriorizando uma perspectiva mais positiva do que a esperada.

O padrão de resultados suporta parcialmente a terceira hipótese, não reproduzindo na totalidade a literatura anterior (Benbassat & Priel, 2012; Berthelot et al., 2019; Borelli et al., 2016; Camoirano, 2017; Katznelson, 2014; Luyten et al., 2017; Schultheis et al., 2019; Shai & Belsky, 2017; Slade, 2005; Zeegers et al., 2017). Especificamente, só foi encontrada uma associação positiva entre a pré-mentalização parental e o total de problemas psicológicos das crianças, revelando o seu maior desajustamento. As descobertas do estudo destacam que a pré-mentalização deteriora a perspectiva parental acerca dos problemas psicológicos dos filhos, afetando a sua visão em relação ao bem-estar dos filhos. Apesar dos resultados obtidos terem suportado alguns dos resultados encontrados na literatura, não foi possível observar uma associação significativa entre as variáveis do funcionamento reflexivo, certeza e interesse e curiosidade sobre os estados mentais dos filhos, e a variável do ajustamento psicológico infantil (total de problemas psicológicos dos filhos). Estes resultados não vão ao encontro da literatura. Uma possível justificação para os resultados encontrados poderá ser a amostra reduzida e, na sua maioria composta por mães. Segundo os autores Benbassat e Priel (2012), o funcionamento reflexivo paternal refletiu-se de grande importância para uma paternalidade positiva com adolescentes, seja na atenção prestada aos seus sentimentos ou à forma como resolvem o conflito. Havendo um número baixo de homens, esta ausência de dados paternais pode ter tido um efeito nos resultados obtidos. Salienta-se que não se entrevistou os filhos, sendo que a análise dos seus problemas psicológicos foi baseada na perspectiva parental e não das próprias crianças. Este fator poderá ter contribuído para uma avaliação parental não realista do bem-estar psicológico dos filhos.

Em relação à quarta hipótese, os resultados do presente estudo apoiam parcialmente a hipótese de que o funcionamento reflexivo parental, nomeadamente a variável pré-mentalização, contribui para o desajustamento psicológico dos filhos. Estes

resultados são consistentes com a literatura estudada (Benbassat & Priel, 2012; Berthelot et al., 2019; Borelli et al., 2016; Camoirano, 2017; Katznelson, 2014; Luyten et al., 2017; Schultheis et al., 2019; Shai & Belsky, 2017; Slade, 2005; Zeegers et al., 2017). No entanto, os resultados não demonstraram uma associação positiva significativa e preditora entre as variáveis psicopatologia parental e o ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas) como seria de esperar pela literatura revista (Beidel & Turner, 1997; Bøe et al., 2014; Bornstein et al., 2002a; Brown & Ackerman, 2011; Goodman et al., 2011; Reising et al., 2013; Reiss, 2013; Sullivan et al., 2019; Vučković et al., 2020; Weijers et al., 2018; Zhang et al., 2020; Zhu et al., 2019). É possível afirmar que os resultados obtidos apenas confirmam parcialmente a quarta hipótese do estudo porque as variáveis psicopatologia parental, nomeadamente hostilidade, e funcionamento reflexivo parental, apenas verificada com a pré-mentalização, contribuem para o desajustamento psicológico dos filhos. Esta diferença de resultados pode ser explicada pela ideia de que a relação entre a psicopatologia parental e desajustamento psicológico é mais significativa consoante a idade da criança, mais novas e vulneráveis e, verificou-se uma possível existência de transmissão transgeracional da psicopatologia parental para as crianças (Goodman et al., 2011; Zhang et al., 2020). Tendo os dados sido recolhidos num único momento, é possível que as idades dos filhos, tendo em conta que a entrevista teve como alvo o filho mais velho ($M = 16$) e a impossibilidade de estabelecimento de relações de causalidade tenha dificultado a deteção da relação entre a psicopatologia parental e o total de problemas psicológicos dos filhos.

Os resultados apresentados confirmam parcialmente a quinta hipótese do estudo. Considerando que os pesquisadores anteriores encontraram uma redução dos recursos internos parentais, tais como a consciência das suas necessidades e dos outros, em pais com psicopatologias e verificaram o seu impacto negativo na regulação emocional e psicológica dos filhos (Benbassat & Priel, 2012; Berthelot et al., 2019; Borelli et al., 2016; Bornstein et al., 2002a; Camoirano, 2017; Goodman et al., 2011; Katznelson, 2014; Luyten et al., 2017; Reising et al., 2013; Schultheis et al., 2019; Shai & Belsky, 2017; Shelleby, 2018; Slade, 2005; Sullivan et al., 2019; Vučković et al., 2020; Weijers et al., 2018; Zeegers et al., 2017). O presente estudo demonstrou a contribuição da hostilidade parental para um aumento da pré-mentalização parental e, conseqüentemente, verificou-se um reforço do desajustamento psicológico dos filhos. No entanto, a mediação do funcionamento reflexivo parental entre as outras duas variáveis, ocorreu apenas através

da pré-mentalização. Uma possível explicação para os resultados obtidos serem parcialmente divergentes aos encontrados na literatura será o facto da amostra do presente estudo ser constituída por participantes involuntários escolhidos devido a intervenções psicossociais (como referenciado acima) e as respostas contrastarem com amostras com participantes voluntários (e.g., Weijers et al., 2018). No entanto, é de facto possível observar uma ligação significativa entre as variáveis estudadas, reafirmando a importância de um maior estudo relativo à relação entre estas três variáveis e o seu impacto mútuo, nos pais e nas crianças.

Implicações do estudo

Os resultados obtidos sugerem várias implicações teóricas e práticas relativas à parentalidade em contextos de desvantagem socioeconómica. A temática estudada é de elevada relevância e com muitos fatores por explorar em Portugal, principalmente no contexto representado. Por exemplo, verificou-se a importância das variáveis individuais parentais para a parentalidade positiva e o bem-estar psicológico infantil, sendo favorável para a prática clínica com os pais, através da consciencialização para as áreas mais vulneráveis e prejudiciais da parentalidade. Esta consciencialização pode ser impactante para a compreensão parental da influência dos seus comportamentos no comportamento dos filhos. O trabalho realizado na prática clínica e com as equipas de apoio psicossociais como, CPCJ, CAFAP, SCML, Centros Comunitários, entre outros, poderá ter um forte impacto no desenvolvimento das capacidades parentais, do reconhecimento das emoções e cognições pessoais e dos filhos e autoeficácia parental.

Os dados obtidos têm outras implicações potenciais para as intervenções. Estes dados permitem compreender quais são as variáveis de maior impacto nas famílias, contribuindo para a intervenção e criação de programas psicoeducativos de prevenção e promoção mais adaptados a famílias de contextos de desvantagem económica e social. Evidenciam, de igual forma, a potencialidade que a monitorização da evolução dos pais e dos filhos poderá ter na parentalidade positiva e no bem-estar de ambos. As variáveis parentais estudadas e o seu impacto na parentalidade têm implicações na atenção, por parte dos técnicos, dos fatores a observar para obterem uma compreensão mais empática da situação familiar. Esta compreensão permite uma abordagem de colaboração entre os técnicos e a família, podendo contribuir para o sentimento de empoderamento por parte

dos pais e uma maior adesão às intervenções, levando a um maior sucesso das equipas nestes contextos.

Limitações

Embora os presentes resultados apoiem claramente os efeitos da psicopatologia parental e funcionamento reflexivo parental no ajustamento psicológico dos filhos dos participantes, é apropriado reconhecer várias limitações.

O primeiro conjunto de limitações deste estudo foca as características da amostra. Especificamente, uma primeira limitação diz respeito ao tamanho reduzido da amostra, o que constringe a precisão das estimativas encontradas. Algumas justificações desta redução serão o facto de a amostra ter sido obtida com a colaboração de instituições como a SCML e a CPCJ e muitos participantes não comparecerem às entrevistas. É possível que, com receio de estarem a ser avaliados, não quisessem comparecer. Adicionalmente, durante a realização da recolha para a investigação, ocorreu a pandemia do COVID-19 que não permitiu a continuação das entrevistas, contribuindo, fortemente, para a dificuldade em aceder à amostra. Além disso, a amostra era, maioritariamente, constituída por famílias monoparentais e mães, o que torna a amostra não uniforme, podendo ter um impacto na precisão dos resultados obtidos. Outra possível limitação com impacto nos resultados obtidos terá sido a desejabilidade social. Visto que as famílias são seguidas e auxiliadas por estas instituições (i.e., SCML e CPCJ), a desejabilidade social poderá ter instigado respostas que não expressavam a total realidade da vivência dos participantes.

Em relação a limitações referentes ao processo de recolha de dados e desenho do estudo, uma limitação relevante decorre da extensão, e complexidade, subjacente à entrevista. Ambos os elementos, para uma amostra com baixos níveis de literacia que, manifestou alguma dificuldade na compreensão de alguns itens, podem gerar incongruências nas respostas dadas, ou interpretações inadequadas das questões ou das escalas apresentadas.

Adicionalmente, a validação do instrumento relativo ao funcionamento reflexivo parental (QFRP) para a população portuguesa ainda se encontra em curso, não estando adaptado para a amostra em causa, o que limita o conhecimento efetivo sobre as suas propriedades psicométricas.

Outra limitação que faz sentido referenciar é que os instrumentos utilizados apenas reconheciam a perspectiva parental visto que só os pais é que foram entrevistados. Tendo em consideração que uma das variáveis estudadas se foca no ajustamento psicológico dos filhos, seria pertinente obter a perspectiva dos filhos, visto que a visão dos pais em relação aos filhos poderá não corresponder à realidade das crianças e jovens das famílias entrevistadas.

Uma última limitação que deve ser referenciada é o carácter transversal do desenho do estudo. Sendo que os dados eram obtidos em relação a um único momento, não longitudinal, não permitiu estabelecer relações de causalidade entre as variáveis estudadas.

Apesar do suporte teórico e da consistência teórica que existe para os resultados obtidos, a sua interpretação deve ser cautelosa considerando as limitações mencionadas.

Contributo para investigações futuras

Ainda há muito trabalho a ser feito para obter um entendimento completo do relacionamento entre psicopatologia parental, funcionamento reflexivo parental e ajustamento psicológico infantil, principalmente em famílias de contextos de desvantagem económica e social. Se, como sugere o presente estudo, a hostilidade parental tem um impacto direto na pré-mentalização parental e, conseqüentemente, tem fortes implicações no bem-estar psicológico dos filhos então há necessidade de pesquisas que explorem estas variáveis e que permitam o aprofundamento da compreensão da sua relação. Tendo em conta que crianças destes contextos sofrem um maior risco de desenvolver problemas psicológicos (Bøe et al., 2014; Bornstein et al., 2002b; Conger et al., 2010; Friedson, 2016; Hosokawa & Katsura, 2018; Vučković et al., 2020; Weijers et al., 2018; Zhu et al., 2019), o estabelecimento de uma relação, num estudo longitudinal, sobre os efeitos da psicopatologia e funcionamento reflexivo parental a longo prazo no ajustamento psicológico dos filhos poderá ser benéfico para o estudo da temática.

Embora os resultados do estudo apoiem os efeitos negativos da psicopatologia parental no funcionamento reflexivo parental e, conseqüentemente, no ajustamento psicológico das crianças, a contribuição mais importante poderá ser o fato de levantarem diversas questões intrigantes para estudos futuros. Seria útil estender as descobertas atuais

examinando os fatores que influenciam a psicopatologia parental em contextos de desvantagem económica e social, em Portugal, acrescentando a possibilidade da comparação de grupos de pais com e sem desvantagem de forma a obter um conhecimento científico mais diversificado. Além disso, poderia ser relevante um aprofundamento da relação entre as variáveis da psicopatologia e o funcionamento reflexivo e o seu impacto mútuo na parentalidade.

Além dos elementos já mencionados, sugiro vários caminhos de pesquisa que podem ser úteis. O estudo das variáveis estudadas com um foco na diferenciação que poderá existir entre o sexo dos pais de forma a compreender se a psicopatologia e funcionamento reflexivo materno ou paterno poderão, com efeito, ter um impacto diferenciado e significativo no ajustamento psicológico dos filhos. Examinar o impacto da configuração familiar (i.e., biparental ou monoparental) nas variáveis estudadas poderá ser um fator a considerar noutras pesquisas. Algumas limitações deste estudo podem ser abordadas em pesquisas futuras. Por exemplo, a utilização de amostras de maiores dimensões, mais uniformes e com a utilização de instrumentos que permitam a obtenção de informação de diferentes fontes, tais como os filhos, para uma investigação mais extensa dos impactos das diferentes variáveis na parentalidade e bem-estar, tanto parental como infantil.

Conclusão

Existem três conclusões principais no presente estudo. Primeiro, o estudo contribui para o aumento de evidências que salientam a importância das variáveis estudadas para a parentalidade adaptativa e o desenvolvimento do bem-estar psicológico dos filhos. No ano de 2019, a população residente, em Portugal, em risco de pobreza ou exclusão social era de 21.6% (Instituto Nacional de Estatística, 2020). Estes valores demonstram uma necessidade crescente de obter um conhecimento mais aprofundado dos fatores que afetam o bem-estar das famílias portuguesas em contextos de desvantagem social e económica. Segundo, apesar das limitações mencionadas, esta pesquisa pode ser vista como mais um passo para a integração de duas linhas de pesquisa, entre as variáveis psicopatologia parental e ajustamento psicológico infantil, que, na amostra obtida, não estão diretamente associadas. Havendo evidências de padrões transgeracionais de psicopatologia parental para psicopatologia nos filhos (Zhang et al., 2020), é clara a

importância de mais investigações que trabalhem mais aprofundadamente os temas do presente estudo. Terceiro, apesar da escassez empírica, o presente estudo aumentou a compreensão da relação entre a psicopatologia parental e o funcionamento reflexivo parental. A intenção do presente estudo será de incentivar investigações adicionais nesta importante área, a parentalidade, principalmente em contextos de desvantagem socioeconómica.

Este trabalho forneceu um suporte claro para a importância do estudo destas variáveis parentais nas intervenções com estas populações no âmbito da parentalidade, visto que podem ser relevantes para o sucesso e eficácia das intervenções psicossociais das equipas com estas famílias. Havendo evidências na literatura dos efeitos negativos da desvantagem socioeconómica na parentalidade e bem-estar dos membros da família (Bøe et al., 2014; Bornstein et al., 2002b; Conger et al., 2010; Department of Health, 2000; Friedson, 2016; Hosokawa & Katsura, 2018; Kirby et al., 2019; Weijers et al., 2018), é pertinente que se estudem mais aprofundadamente estas variáveis e intervir de acordo com as necessidades específicas das famílias em desvantagem. Além disso, a parentalidade negativa contribui negativamente para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. As repercussões que podem advir das evidências encontradas no presente estudo e na literatura sobre esta temática podem ser devastadoras para o bem-estar destes indivíduos e, conseqüentemente, para as famílias que vão construir no futuro. Podem ser úteis intervenções que se foquem na promoção de capacidades parentais adaptativas e saúde mental parental e infantil, tais como, mecanismos de *coping*, especialmente essencial em populações com maior número de fatores de risco.

Em suma, os resultados desta investigação demonstram os efeitos da desvantagem social e económica na amostra estudada, obtendo uma melhor compreensão acerca da psicopatologia e funcionamento reflexivo dos pais, como, também, a sua influência no ajustamento psicológico dos filhos.

Referências Bibliográficas

- Beidel, D. C., & Turner, S. M. (1997). At risk for anxiety: I. Psychopathology in the offspring of anxious parents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 36*(7), 918-924. doi:10.1097/00004583-199707000-00013
- Benbassat, N., & Priel, B. (2012). Parenting and adolescent adjustment: The role of parental reflective function. *Journal of adolescence, 35*(1), 163-174. doi:10.1016/j.adolescence.2011.03.004
- Berthelot, N., Lemieux, R., Garon-Bissonnette, J., Lacharité, C., & Muzik, M. (2019). The protective role of mentalizing: Reflective functioning as a mediator between child maltreatment, psychopathology and parental attitude in expecting parents. *Child Abuse & Neglect, 95*, 104065. doi:10.1016/j.chiabu.2019.104065
- Bøe, T., Sivertsen, B., Heiervang, E., Goodman, R., Lundervold, A. J., & Hysing, M. (2014). Socioeconomic status and child mental health: The role of parental emotional well-being and parenting practices. *Journal of Abnormal Child Psychology, 42*(5), 705-715. doi:10.1007/s10802-013-9818-9
- Borelli, J. L., St John, H. K., Cho, E., & Suchman, N. E. (2016). Reflective functioning in parents of school-aged children. *American Journal of Orthopsychiatry, 86*(1), 24. doi:10.1037/ort0000141
- Bornstein, M. H. E., Zahn-Waxler, C., Duggal, S., & Gruber, R. (2002a). Parental Psychopathology. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 4: Social Conditions and Applied Parenting* (pp. 295–327). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Bornstein, M. H. E., Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002b). Socioeconomic status and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting. Volume 2: Biology and Ecology of Parenting. Second Edition* (pp. 231–252). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Brown, E.D., & Ackerman, B. P. (2011). Contextual risk, maternal negative emotionality, and the negative emotion dysregulation of preschool children from economically disadvantaged families. *Early Education and Development*, 22(6), 931–944. doi:10.1080/10409289.2010.508033
- Camoirano, A. (2017). Mentalizing makes parenting work: A review about parental reflective functioning and clinical interventions to improve it. *Frontiers in Psychology*, 8, 14. doi:10.3389/fpsyg.2017.00014
- Canavarro, M. C. (1995). Inventário de Sintomas Psicopatológicos–BSI [Brief Symptom Inventory–BSI]. *Testes e provas psicológicas em Portugal*, 95-109.
- Canavarro, M. C., Nazaré, B., & Pereira, M. (2017). Inventário de Sintomas Psicopatológicos 18 (BSI-18). *Psicologia clínica e da saúde: Instrumentos de avaliação*, 115-130. doi:10.14417/ap.1287
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in Midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of marriage and family*, 64(2), 361-373. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00361.x

Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 685-704. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x

Department of Health, Department for Education and Employment Home Office (D. F. E. A. E. H. O., 2000). *Framework for the Assessment of Children in Need and their Families*. London: Stationery Office. <https://www.the-stationery-office.co.uk/doh/facn/facn.htm>

Derogatis, L. R., & Spencer, P. M. (1982). *Administration and procedures: BSI manual I*. Baltimore: Clinical Psychometric Research.

Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2004). Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa.

Fonagy, P., Luyten, P., Moulton-Perkins, A., Lee, Y. W., Warren, F., Howard, S., ... & Lowyck, B. (2016). Development and validation of a self-report measure of mentalizing: The Reflective Functioning Questionnaire. *PLoS One*. doi:10.1371/journal.pone.0158678

Friedson, M. (2016). Authoritarian parenting attitudes and social origin: The multigenerational relationship of socioeconomic position to childrearing values. *Child Abuse & Neglect*, 51, 263-275. doi:10.1016/j.chiabu.2015.10.001

Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586. doi:10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x

Goodman, S. H., Rouse, M. H., Connell, A. M., Broth, M. R., Hall, C. M., & Heyward, D. (2011). Maternal depression and child psychopathology: A meta-analytic

- review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 14(1), 1-27.
doi:10.1007/s10567-010-0080-1
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin and Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hayes, A. F. (2013). *Methodology in the social sciences. Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.
- Hosokawa, R., & Katsura, T. (2018). Effect of socioeconomic status on behavioral problems from preschool to early elementary school – A Japanese longitudinal study. *PLoS one*, 13(5). doi:10.1371/journal.pone.0197961
- Instituto Nacional de Estatística. (2020, Agosto). *Condições de vida e cidadania. Portal do INE*.
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_tema&xpid=INE&tema_cod=1110
- Katznelson, H. (2014). Reflective functioning: A review. *Clinical Psychology Review*, 34(2), 107-117. doi:10.1016/j.cpr.2013.12.003
- Kirby, N., Wright, B., & Allgar, V. (2019). Child mental health and resilience in the context of socioeconomic disadvantage: results from the Born in Bradford cohort study. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 29(4), 467–477.
doi:10.1007/s00787-019-01348-y
- Little, R. J. (1988). A test of missing completely at random for multivariate data with missing values. *Journal of the American Statistical Association*, 83(404), 1198-1202. doi:10.1080/01621459.1988.10478722

- Luyten, P., Nijssens, L., Fonagy, P., & Mayes, L. C. (2017a). Parental reflective functioning: Theory, research, and clinical applications. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 70(1), 174-199. doi:10.1080/00797308.2016.1277901
- Luyten, P., Mayes, L. C., Nijssens, L., & Fonagy, P. (2017b). The parental reflective functioning questionnaire: Development and preliminary validation. *PloS One*, 12(5), e0176218. doi:10.1371/journal.pone.0176218
- McAuley, C., & Layte, R. (2012). Exploring the relative influence of family stressors and socio-economic context on children's happiness and well-being. *Child Indicators Research*, 5(3), 523-545. doi:10.1007/s12187-012-9153-7
- Newland, R. P., Ciciolla, L., & Crnic, K. A. (2015). Crossover effects among parental hostility and parent-child relationships during the preschool period. *Journal of Child and Family Studies*, 24(7), 2107-2119. doi:10.1007/s10826-014-0012-7
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York, NY: Mcgraw-Hill.
- Peduzzi, P., Concato, J., Feinstein, A. R., & Holford, T. R. (1995). Importance of events per independent variable in proportional hazards regression analysis II. Accuracy and precision of regression estimates. *Journal of Clinical Epidemiology*, 48(12), 1503-1510. doi:10.1016/0895-4356(95)00048-8
- Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J., E., & Pettit, G. S. (2000). Discipline responses: Influences of parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting, stress, and cognitive-emotional processes. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 380-400. doi:10.1037/0893-3200.14.3.380

- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, 53(5), 873. doi:10.1037/dev0000295
- Reising, M. M., Watson, K. H., Hardcastle, E. J., Merchant, M. J., Roberts, L., Forehand, R., & Compas, B. E. (2013). Parental depression and economic disadvantage: The role of parenting in associations with internalizing and externalizing symptoms in children and adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 22(3), 335-343. doi:10.1007/s10826-012-9582-4
- Reiss, F. (2013). Socioeconomic inequalities and mental health problems in children and adolescents: a systematic review. *Social Science & Medicine*, 90, 24-31. doi:10.1016/j.socscimed.2013.04.026
- Schultheis, A. M., Mayes, L. C., & Rutherford, H. J. (2019). Associations between emotion regulation and parental reflective functioning. *Journal of child and family studies*, 28(4), 1094-1104. doi:[10.1007/s10826-018-01326-z](https://doi.org/10.1007/s10826-018-01326-z)
- Shai, D., & Belsky, J. (2017). Parental embodied mentalizing: How the nonverbal dance between parents and infants predicts children's socio-emotional functioning. *Attachment & Human Development*, 19(2), 191-219. doi:10.1080/14616734.2016.1255653
- Shelleby, E. C. (2018). Economic Stress in Fragile Families: Pathways to Parent and Child Maladjustment. *Journal of Child and Family Studies*, 27(12), 3877-3886. doi:10.1007/s10826-018-1232-z
- Slade, A. (2005). Parental reflective functioning: An introduction. *Attachment & Human Development*, 7(3), 269-281. doi:10.1080/14616730500245906

- Sullivan, A. D., Benoit, R., Breslend, N. L., Vreeland, A., Compas, B., & Forehand, R. (2019). Cumulative socioeconomic status risk and observations of parent depression: Are there associations with child outcomes? *Journal of Family Psychology, 33*(8), 883–893. doi:10.1037/fam0000567
- Vučković, S., Ručević, S., & Ajduković, M. (2020). Parenting style and practices and children's externalizing behaviour problems: Mediating role of children's executive functions. *European Journal of Developmental Psychology, 1*–17. doi:10.1080/17405629.2020.1768067
- Weijers, D., van Steensel, F. J. A., & Bögels, S. M. (2018). Associations between psychopathology in mothers, fathers and their children: a structural modeling approach. *Journal of Child And Family Studies, 27*(6), 1992–2003. doi:10.1007/s10826-018-1024-5
- Zeegers, M. A. J., Colonesi, C., Stams, G.-J. J. M., & Meins, E. (2017). Mind matters: A meta-analysis on parental mentalization and sensitivity as predictors of infant–parent attachment. *Psychological Bulletin, 143*(12), 1245–1272. doi:10.1037/bul0000114
- Zhang, H., Lee, Z. X., White, T., & Qiu, A. (2020). Parental and social factors in relation to child psychopathology, behavior, and cognitive function. *Translational Psychiatry, 10*(1). doi:10.1038/s41398-020-0761-6
- Zhu, Y., Chen, X., Zhao, H., Chen, M., Tian, Y., Liu, C., ... & Shu, H. (2019). Socioeconomic status disparities affect children's anxiety and stress-sensitive cortisol awakening response through parental anxiety. *Psychoneuroendocrinology, 103*, 96–103. doi:10.1016/j.psyneuen.2019.01.008